

MARCELO FERRONI

Das paredes, meu  
amor, os escravos  
nos contemplam



Copyright © 2014 by Marcelo Ferroni

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Kiko Farkas e André Kavakama/ Máquina Estúdio

*Foto de capa*

© Robert Polidori 1985

*Preparação*

Paula Colonelli

*Revisão*

Thaís Totino Richter

Carmen T. S. Costa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ferroni, Marcelo

Das paredes, meu amor, os escravos nos contemplam  
/ Marcelo Ferroni — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia  
das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2422-0

1. Ficção brasileira 1. Título.

---

14-02273

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# 1.

Sonhei com um cassino. As fichas corriam pelos dedos e o felpo era verde como placas de grama numa cova recente. Eu passava muito tempo contemplando as paredes chapiscadas na casa de mamãe, lendo velhos livros de Ian Fleming na cadeira de balanço que fora do avô, para a frente e para trás, o rangido áspero das molas ocupando meu pensamento. Eu abria cada vez menos os jornais atrás de resenhas do livro, havia sido tomado por uma impotência raivosa que entupia a garganta, ganhava corpo quando eu olhava ao acaso um caderno de cultura e não encontrava nada. No dia em que deixei devê-lo exposto na livraria que frequentava, reclamei de forma amarga com o editor. Brigamos ao telefone; eu talvez tenha dito coisas em excesso. Nas poucas vezes em que saía de casa eu me via nas vitrines, no reflexo dos carros parados. Tentava identificar quem era aquela pessoa e o que fazia. Num acesso de raiva (eu escrevo com raiva) fiz outros três contos que se pareciam em alguma medida com *A porrada na boca risonha e outros contos*. Disse a mamãe que viajaria no

final de semana. Ela perguntou com quem, ficou animada, depois se calou num mau pressentimento. Perguntei casualmente, traíndo certa ansiedade, se ela não podia me adiantar algum dinheiro para os próximos dias. Ela ficou nervosa, quis saber quanto, ao mesmo tempo disse que sim, enxugou as mãos no pano de prato e saiu na direção do quarto. Esse era outro problema daquele período cinzento; por questões um pouco complicadas que me levaram ao endividamento no cheque especial — prefiro não comentar —, eu estava temporariamente sem cartão nem conta. Como uma criança, dependia de pequenas mesadas de mamãe — ela sempre me dava algo com seu coração apertado.

Ela voltou com notas de cinquenta. Eu as contei e coloquei no bolso. Trezentos reais. Sabia que a pequena era mais cara que isso. Foi por esse motivo que esperei mamãe voltar à cozinha e escapei para a penumbra do quarto. Ali, na gaveta de calcinhas à direita na cômoda (o rangido do móvel assustado), peguei afoito um bolo de notas — mais quatrocentos. Eu havia feito dois textos de orelha para uma pequena editora, me deviam o dinheiro e, mesmo que fosse menos do que eu tomara e não pudesse pagá-la até o mês seguinte, sei que me perdoaria. Nossa despedida foi triste, ainda me lembro de como apertava o pano entre os dedos, parada na soleira da porta enquanto eu tomava o elevador. Eu saía como um criminoso, e a sensação ao ganhar a rua — o vento abafado, a chuva iminente — não me trouxe alívio.

Fiz uma mochila pequena e, após hesitações e miradas pela janela, decidi incluir um exemplar do livro. Escrevi uma dedicatória para Julia, que no final saiu longa e sentimental. Era como eu me sentia naquele início de ano, com a família desfeita e o livro soterrado debaixo de lançamentos mais recentes. Esperava, de alguma forma, que ela me salvasse. Meu amigo rira quando soube que eu ainda a via. O que ela faz?, perguntei. Acho que trabalha na empresa do pai, ele disse. De onde tiram tanto di-

nheiro? A família está no ramo dos filtros. Filtros de quê? Ele não sabia dizer mais que isso.

Julia havia parado o blindado em frente a uma garagem, o pisca alerta ligado, e me esperava impaciente na calçada, chave pendente na mão. Eram onze da manhã e a claridade era muito forte para ela, protegida por largos óculos negros. Usava um vestidinho preto que deixava aparecer as pernas finas, os joelhos salientes, uma sapatilha também escura. Eu a esperara por duas horas sentado no sofá, acariciando ora Josefina, ora Napoleão, olhando o sol prateado como uma moeda e pensando na incongruência das grandes cidades. Achava que havia desistido de mim. Me aproximei e parei a pouca distância. Arremeti meu rosto na direção do seu: os ruídos da rua eram uma vibração distante, eu via apenas seus óculos, sua penugem desfocada, depois a orelha e os fios do cabelo quando se desviou num movimento brusco para que eu trombasse meus lábios em sua face. Reclamou com a voz rouca que estava exausta, a noite não havia sido leve, fora impossível acordar antes e precisava tirar um cochilo no caminho. Franziu de leve os lábios finos ao me observar de alto a baixo. Perguntou se eu ia acampar. Parecia não ter gostado da bermuda cáqui de bolsos múltiplos, nem das sandálias de borracha que eu comprara para ir ao litoral com a ex-namorada. A camisa de linho branco talvez estivesse um pouco amassada, eu não tivera tempo de deixá-la para mamãe lavar. Peguei a chave que ela me estendia, enfiei a mochila no porta-malas, ao lado de uma mala vermelha rígida de rodinhas, bati o tampo e dei a volta pelo lado do motorista. Ela já havia reclinado o banco do passageiro e suspirava como se a noite mal dormida fosse culpa minha.

Se Julia estivesse de bom humor — não sei se conhecia seu humor — teria rido da minha dificuldade ao entender que o carro era automático. Ela se irritou com minha lentidão nas

ruas, com a hesitação em acelerar quando o sinal abria (o blindado farejava meu medo como um cavalo). Na Marginal, ela se ergueu do banco quando me encalacrei atrás de um caminhão de verduras, mandou que eu não ficasse tão perto, que freasse, que saísse dali, que não saísse naquele momento (uma longa buzinada), Saia agora, acelere, *acelere*. Como seu pai não aceitava atrasos, assumiu a direção no primeiro posto de gasolina.

Acendeu um cigarro e se pôs a recuperar o tempo perdido; não sei se posso acrescentar muito mais sobre nossa viagem. Estávamos sóbrios, só os dois naquele carro. Poderíamos ter falado sobre tantas coisas, mas ela se mantinha quieta, e eu não sabia como começar. Ela atendeu duas vezes o telefone, respondeu impaciente que sim, estava na estrada. Acendeu outro cigarro. Encontrei um *Estado de S. Paulo* no banco traseiro e o puxei. Ela pediu que por favor não o tirasse da ordem; seu pai gostava de ler primeiro.

Mal vi as manchetes. Deixei cair alguns cadernos no chão, e notei sua cara de desgosto. Abri o de cultura. Era o que eu fazia sempre que pegava uma edição de sábado, dia em que publicavam artigos sobre livros. Na capa, um fenômeno português que escrevia somente com minúsculas. Dentro, entre poesia, ensaio e outras coisas de pouco interesse, uma resenha morna sobre o romancinho de Mateus J. Duarte. Achei pouco; queria que ele fosse mastigado por um raio e cuspido pelos cães. Jornalistas eram bons demais com os filhinhos de papai. Recolhi de qualquer jeito os cadernos e os joguei de volta ao banco traseiro.

Julia suspirou. Eu perguntei se era verdade que o pai trabalhava na área de filtros. Onde você ouviu isso?, disse ela. Falei que tinha minhas fontes, ela continuou fitando a estrada. Perguntei se trabalhava com ele. Não, querido, não trabalho com ele. Observei a paisagem: um posto de estrada, capim alto, restos de pneus no acostamento, um anúncio de posto de estrada.

— Mas que tipos de filtro? Filtros d'água?

Saímos da rodovia num aclive esburacado, ela acelerou, passamos por uma rua estreita entre casas inacabadas, demolidas. Vi muito em cima um menino em farrapos nos olhando espantado, e pelo retrovisor algo rosa quicando no asfalto, que me pareceu uma chupeta. Falei que na Alemanha isso dava até cadeia. Ela não entendeu. O excesso de velocidade, eu disse.

— Você esteve na Alemanha?, ela perguntou. Falei que não. Então como você sabe? Julia ultrapassou um ônibus sem ver quem vinha no sentido contrário — um Fusca com varas de pesca. Instintivamente recolhi as pernas e ela disse, Não me ponha nervosa.

Havíamos deixado o vilarejo e percorríamos uma estrada sinuosa de pista simples. Olhei de novo a paisagem, composta agora de montes de pasto ralo e terra vermelha. Um vendedor de bananas na beira da estrada. O anúncio de um hotel-fazenda. Era difícil não pensar no meu futuro ao seu lado: viagens a Miami com a família, bajular a sogra, nunca mais fazer orelha para o livro dos outros.

— Faz tempo que a fazenda é de vocês?

Ela acendeu outro cigarro, os movimentos apressados; ficava mais nervosa conforme nos aproximávamos. Falou que sim, era deles por uma eternidade. O pai a havia comprado em ruínas, passara quase vinte anos reformando e ainda faltavam coisas. Em alguns pontos teve de fazer tudo do zero, disse ela; é demorado porque segue à risca os aspectos históricos. Temos até uma restauradora. Você vai ver. Ultrapassou uma caminhonete, o blindado ganhou velocidade ao longo de uma fila de árvores idênticas, que deixavam passar luz e som a intervalos constantes. Salpicos de sol riscaram seus braços, seu rosto. Flutuávamos. Pisou no acelerador, e o carro grudou de novo no asfalto, saiu da cobertura vegetal num leve aclive, alcançamos o topo

de um monte careca — o horizonte longínquo era uma cadeia de montanhas, como se a terra estivesse enrugada, escura, com uma faixa de nuvens cor de chumbo prestes a descer a encosta.

Perguntei se era a Serra do Mar. Julia não respondeu; fez uma curva brusca e descemos novamente. Na reta seguinte o blindado começou a perder velocidade, ainda rugindo, e a pequena olhou o retrovisor num segundo, cortou a estrada com violência. Sacudimos numa elevação de terra batida e passamos uma porteira branca. Olhei para o alto, a tempo de ver entre as heras uma placa com o nome de Santo Antônio. Alguns metros adiante descemos entre árvores cerradas. A temperatura subitamente mais baixa. Ela ergueu os óculos para enxergar o caminho.

— A restauradora é da família?, perguntei.

Ela riu indignada com a ideia, puxou fumaça do cigarro. Não, claro que não.

Dois postes caiados de meia altura indicavam uma ponte de tábuas que mal dava espaço ao blindado. A madeira estalou com o peso dos pneus. Abaixo passava um rio escuro, percorrido por pedras redondas como bolhas. Ela mal deixou a ponte, baixou os óculos e acelerou; o carro empinou pelo acrílico de terra. A cobertura vegetal começava a rarear, fomos invadidos de novo por cores luminosas, mas algo havia mudado. Estávamos no mesmo lugar, e no entanto em *outro* lugar. A luz perdeu a realidade, e no fim de um platô entre árvores a casa cintilava como uma aparição.

Perdi-a de vista quando entramos numa longa alameda, ladeada de cercas brancas e palmeiras imperiais. Um presente de d. Pedro II em 1845 à família original, disse Julia. Ou 1854. Papai nos obrigou a decorar mas eu não lembro. Você sabe, disse ela, essa é uma fazenda histórica.

O casarão reapareceu entre as árvores à nossa esquerda, trechos de cor mostarda, placas negras das janelas, o céu desbotado

rebatendo num pedaço de vidro. O carro tremeu num mata-burro, passou outra porteira aberta. Viramos à esquerda, em linha reta na direção da casa, e o caminho era agora formado por largos blocos irregulares de pedra. Passamos uma construção circular, com teto de palha e mesas de madeira, que, segundo Julia, abrigava grupos escolares nos dias de visita. Uma carroça jazia no gramado como peça cenográfica. Ao seu lado, um canhão de ferro fundido — eu me perguntei o que um canhão fazia ali —, logo depois uma âncora, semienterrada no gramado — e me dei conta de que o termo *histórico* se aplicava com bastante amplitude àquela fazenda. Notei, também, que a reconstrução prosseguia a olhos vistos: um pouco antes do casarão, à esquerda, a terra se abria numa pequena piscina de lama. O buraco fora cercado de estacas e tábuas e parecia estar ali havia bastante tempo. Perguntei se a restauradora também fazia escavações. Ela não entendeu. Falei que estava brincando: restauradora, arqueóloga, ela poderia fazer jornada dupla. Julia disse que no futuro aquilo seria uma escada de acesso do estacionamento de visitantes à casa; as crianças *não aguentavam* dar toda a volta a pé pela estrada. Mas dependiam do caseiro para terminar a obra, e o caseiro não costumava correr com nada.

O caminho se abriu num pátio de pedra, onde Julia estacionou entre outros blindados. Puxou o freio de mão, girou a chave. Silêncio abafado. Ela disse, Eu sei que você gosta de brincar, mas por favor finja interesse quando papai falar da fazenda. Ele valoriza muito o trabalho que está sendo feito aqui.

Abriu a porta e largou a ponta do cigarro no chão. Soprou a última fumaça antes de descer.

— Ah, e por favor, não diga ao meu pai que eu fumo.

Desci do carro com um formigamento no corpo, estiquei os braços. Os ouvidos entupidos pelo fim da viagem. Fazia um calor parado, a cobertura vegetal amenizava os raios de sol.

Olhei para o alto, algumas nuvens começavam a surgir como borbulhas de um rio poluído. Observei a casa entre as árvores. A parede subia em dois andares, recoberta em parte por unhas-de-gato cor de petróleo, recortada por janelas compridas no alto, menores e gradeadas no térreo. À direita, Julia seguiu por uma garagem. Esperei que me chamasse, não chamou. Cruzou com um sujeito baixo e troncudo, pele parda e camiseta musgo apertada, que mexeu todas as rugas do rosto para esboçar um sorriso de pedra, e seguiu na minha direção. Acenou com um fiapo de sorriso, limpou as mãos na calça antes de abrir a porta traseira e retirar a mala de Julia como se estivesse vazia. Os cabelos crespos e rentes eram acinzentados, quase brancos nas têmporas, e a testa larga coberta de gotículas de suor. Esperou que eu pegasse minha mochila e bateu o porta-malas, voltou na direção da garagem e eu o segui.

O ar ali era frio e úmido, tropecei no escuro em latas de tinta e sacos de cimento, depois em cimento seco sobre o piso. Quanto descuido, pensei. Cuidado, disse o caseiro, saindo da garagem para a sala seguinte. Ele se referia a um desnível na passagem, que não vi.

Saí em aposento amplo, de móveis escuros e piso de cerâmica encerada, iluminado pelo brilho pálido de duas portas abertas para fora: uma à frente, cerca de vinte metros adiante, e outra num vestíbulo de pedra à minha esquerda. Supus que o vestíbulo servisse de entrada aos visitantes e me aproximei. Respirei fundo, estava de novo sozinho. As peças respiravam atentas, esperavam que eu me aproximasse sem no entanto me chamar. Em mesinhas laterais, filtros caseiros e quadrados, que eu me lembrava de quando criança. Atlantis, o símbolo de uma sereia transpassada por um golfinho, cheiros familiares, aperto no coração. Eu era como o explorador anacrônico de H. G. Wells, maravilhado com peças de seu cotidiano num museu futuro. Aci-

ma, dois pôsteres de papel desbotado sobre telas de compensado — em um deles, a vista aérea (vastas superfícies encristadas de zinco) de uma fábrica numa periferia desolada; em outro, dois sujeitos de cabelos esféricos e cavanhaques semelhantes, um em primeiro plano de braços cruzados, determinado, o segundo fitando a câmera logo atrás, um pouco curvado, linha de montagem de peças leitosas ao fundo. Na prateleira da parede oposta, meia dúzia de placas douradas com inscrições escurecidas e duas estatuetas aladas de latão oxidado. No centro do cômodo, sobre uma mesa larga de madeira, a maquete de uma espécie de fábrica em corte, com torres e filamentos, um ambicioso projeto construído ou apenas imaginado.

Chinelos arrastados pela cerâmica, eu me voltei para a sala, e da outra porta iluminada vinha uma mulher baixa, com passos pesados até onde eu estava. Usava um maiô escuro, que achatava os seios largos, e canga estampada presa à cintura. Os cabelos negros molhados, penteados para trás, a pele bronzeada com algumas sardas — ela chegou mais perto, e a boca era a mesma, ainda que mais escura, e a expressão violenta, irônica, a mesma —, uma Julia pré-histórica. Seus olhos verdes reptilianos brilharam como um cartão de visita. Ela olhou o vestíbulo, nada havia sido tocado, depois me examinou. Falei que minha mãe tivera um daqueles, e apontei o filtro do meio.

Ela olhou as caixinhas empoeiradas. Não me espanta. Sua mãe e mais seis milhões de pessoas, querido. O filtro residencial mais vendido da Brasfil. Método revolucionário de purificação por ozônio, pela primeira vez um produto acessível à classe C. Uma campanha em escala nacional para que a família brasileira abandonasse os filtros de barro. Por esses aparelhos já passaram mais de duzentos bilhões de litros d'água. O equivalente a um Tietê dando catorze voltas na Terra.

— Impressionante.

— Papai gosta de estatísticas.

Olhamos de novo os artefatos. Ela apontou com o queixo a prateleira dos troféus. Recebemos todos os certificados importantes da área — ISO 9001:2008, ASME, NR-13. Você tem um cigarro? Eu mataria por um cigarro. Deu mais dois passos para dentro e apontou a foto da fábrica. Estamos em praticamente todas as áreas do mercado. Microfiltração, ultrafiltração, osmose reversa. Indicou a maquete no centro da sala. Estações de tratamento de efluentes e reuso da água, pesquisa de ponta. Filtros industriais, filtros para a rede pública. Algumas linhas hospitalares, outras residenciais, mas não é nosso forte.

— Impressionante.

— Líderes no mercado em praticamente todas as áreas. Não podemos fumar dentro de casa. Ele sente o cheiro à distância. Você é o namoradinho de Julia?

Fiz um movimento dúvida. Perguntei se as crianças em excursão começavam pelos filtros. Ela riu, inclinou de leve o rosto como se aquilo a tornasse desejável. Não, querido, as crianças entram por cima, pela porta principal. Você ainda não subiu? Julia não mostrou as salas históricas? Quando ela disse ontem que *também* traria alguém, nós desconfiamos. Dissemos que... Bem, não interessa o que dissemos.

Quis saber meu nome. Falou que era Ana, a irmã mais velha. Comentei que seus conhecimentos eram formidáveis, perguntei se trabalhava com o pai. Ela riu com desdém. Claro que não. Pensei que Julia tivesse falado de mim. Eu disse que sim, talvez, não me lembrava. Perguntei onde estava Julia. Ela abriu outro sorriso. Ah, você a perdeu? Deve ter subido, papai está lá em cima, eu levo você.

Cruzamos o aposento amplo e mal iluminado. Minhas sandálias rangiam no piso encerado. O pé-direito baixo, vigas escuras. Mesa de sinuca, com tacos enfileirados na parede mais

próxima. Um sofá e quatro poltronas verde-azeitona ao redor de uma mesinha de centro com revistas velhas e um samovar. Uma lareira na parede de pedra, logo acima duas canecas coloridas e a cabeça espantada de um javali, dentes tortos e tufo de pelo no revestimento doente. Me perguntei de onde haviam tirado tudo aquilo. À esquerda, um pouco antes da porta iluminada, uma escada de madeira levava ao andar superior.

Segui seus quadris oscilantes até a sala de cima, que supus ser a copa: clareada por dois janelões, cerâmica azul até a metade das paredes, mesa rústica com uma fruteira, panelas de latão penduradas. De uma porta fechada à minha frente, provavelmente a cozinha, vinham pratos batendo, conversa insistente, o chiado circular de uma panela de pressão. Ana me mandou deixar a mochila ali, sobre a mesa, e cruzou uma porta à direita. Eu a segui temendo que sumisse como Julia, demorei a me dar conta da dimensão do aposento em que estávamos: a sala de jantar, em tons de ouro e de madeira, com as paredes pintadas de cenas campestres, o teto alto e branco com as sancas trabalhadas em arabescos dourados. À minha esquerda, fachos de luz prateada se lançavam de quatro janelas e uma porta central, que davam para uma espécie de jardim interno. Um lustre de cristal descia até a metade sobre a mesa de dezesseis lugares. Um andaime escuro, entre as duas primeiras janelas, interrompia com violência a sucessão das pinturas na parede, que inicialmente me pareceram um pouco pueris: falsas colunas gregas envolvidas de heras, vasos com frutas, sombras na tentativa fútil de lhes dar um efeito tridimensional. Meu olhar seguiu os canos de ferro até o alto, onde três tábuas formavam a base para alguém trabalhar ali, deitado, refazendo os ornamentos no teto.

Ana me vira parado e disse, Nossa restauradora é muito lenta, está há uma eternidade aqui. Às vezes acho que faz de propósito, quer viver às nossas custas. Passamos entre o andaime

e a mesa e seguimos em linha reta a uma porta na outra extremidade. Pelo menos quase nunca a vemos, disse ela. Perguntei por quê. Você não sabe? Para um serviço desse tipo, é preciso trabalhar à noite, sem a interferência da luz natural. Ah, aqui está sua namorada, disse, aproximando-se da porta aberta.

Julia estava de perfil (seu perfil alongado, levemente recuado) e veio até nós. A irmã a tomou pela mão. Você deve cuidar melhor das suas coisas. As duas me fitaram com uma risadinha conjunta. Ana disse, como se sussurrasse, querendo ser ouvida: Depois alguém o pega e você reclama. Julia me olhou com uma ponta de interesse (admito, tenho atributos que atraem as mulheres) e deu um sorriso que eu viria a descobrir ser seu sorriso sóbrio: os cantos dos lábios levemente arqueados, olhos com alguma graça pálida. Da sala, um homem pigarreou, sua voz rouca e autoritária me fez lembrar uma noite distante. Eu as segui para dentro.